

y B 3.1.65

M 143

glolo 21.8.61

CM 23.8.51

~~RECEBIDO~~

RN 12

## Amazônia

26 out. 10.69

Rubem Braga

**N**OTAS esparsas de uma viagem pela Amazônia que tenho preguiça de juntar, articular para fazer uma crônica.

A floresta vista de avião é plana, monótona, imensa como o oceano. Há algumas nuvens brancas espalhadas pelo céu, pouco abaixo de nós. Parecem voar em sentido contrário ao nosso. Mas lá embaixo, na floresta, as manchas de sombra que elas projetam estão imóveis. A nuvem anda — mas a sombra fica. É tudo ilusão da vista; mas o que não é ilusão no mundo do movimento e da distância? Minha verdade é esta: a nuvem voando, a sombra parada.

E o avião sempre me dá uma espécie de lirismo pueril; penso em alguém que passou como uma nuvem branca no céu; e em sua sombra imóvel no meu coração. A sombra é a minha verdade, não a nuvem... A nuvem é dos outros.

Nesse aeroporto de Belém há toda uma quinquilharia pitoresca para tentar turistas. Coisas de casco de tartaruga e conchas; e também quadros e pratos com aplicação de asas de borboletas, vindos provavelmente do Rio, jóias baratas de pedras coradas de Minas, calxinhas e bandejas com mosaicos de madeira do Paraná.

No meio desse amontoado triste de coisas coloridas há, surpreendentemente, um Buda — um Buda verde, de massa ou de barro, grande e solitário.

De onde terá vindo esse Buda vulgar e caro que se senta, aborrecido, entre pires enfeitados com asas das pobres borboletas assassinadas pela ganância e pelo mau-gosto? Perto dele há um horroroso abajur de casco de tatu. Daí talvez seu ar aborrecido.

Que estranho, bêbedo de passagem pelo aeroporto comprará um dia esse deus infeliz de cerâmica barata?